Meu amigo se você é escritor
Com certeza mostrarás o que produz
Sem mais delonga abrace sua cruz
Até algum dia alguém ver o seu valor
(Antônio de Pádua Borges)

Com as lágrimas do tempo
E a cal do meu dia
Eu fiz o cimento
Da minha poesia
(Vinicius de Moraes)

Dedicado a:

Antônio Cândido da Silva
Antônio de Pádua Borges
João Gomes Sobrinho (Xexéu)
José Milson dos Santos
Luiza Irineu da Conceição

Apresentação

O leitor me perdoará a contextualização, mas o hábito da pesquisa histórica me obriga à esta retrospectiva apresentação. Os versos que aqui escrevo tem origem muito anterior ao meu nascimento. Arrisco dizer que o gosto pelos versos seja genético. Minha bisavó, Luiza Irineu da Conceição, apesar de não ser alfabetizada, sabia de cor diversos versos, como por exemplo a História do Poeta Ramos Patrício e Zulmira Feitosa, cordel de 149 estrofes. Transmitiu esse gosto pela poesia à meu avô Antônio Cândido, que em minha infância recitava diversas histórias no formato de rimas que aprendera com sua mãe. Eu escutava encantado e me admirava com a capacidade que ele tinha de decorar tantos poemas. Já o primo de meu avô materno, Antônio de Pádua Borges, foi grande poeta em Santa Cruz, chegando a ser presidente da Associação Santacruzense de Poetas e Escritores. Além disso, minha tia Margarida Vicente era casada com o poeta João Gomes Sobrinho, o famoso Xexéu, com o qual, infelizmente, tive pouco contato.

O leitor pode ver que o apreço pela poesia está impregnado em minha família. Apesar de tudo isso, eu, em minha infância e início da adolescência, não tinha tanto apreço pelos versos. A semente estava ainda em estado de dormência, e foi no IFRN que tudo mudou. Tive a sorte de ter Milson Santos como meu professor de Língua Portuguesa e Literatura no primeiro ano do ensino médio. O professor Milson tinha o hábito de usar como método de avaliação a escrita de um cordel, coisa que muitos alunos detestavam. No início eu também não apreciava a ideia, mas durante o exercício da escrita tomei gosto. Aqueles primeiros versos que escrevi não foram muito bonitos, mas serviram para que eu criasse paixão pela poesia. Agradeço ao professor Milson Santos por isso.

Fui apresentado pelo professor Milson inicialmente à literatura de cordel, que atualmente amo, e ao grande poeta João Cabral de Melo Neto. Daí, vieram leituras independentes: li Camões, Álvares de Azevedo, Augusto dos Anjos, Casimiro de Abreu, Fernando Pessoa, Shakespeare, Manoel de Barros, Drummond e demais gigantes. De todos os estilos e vertentes, à que mais aproximei foi o romantismo, apesar

dos poetas da geração romântica serem por vezes acusados de terem uma atitude "egocêntrica e individualista". O ofício do poeta, principalmente do poeta romântico, nem sempre é recompensador. Na verdade, por diversas vezes é infeliz. Álvares de Azevedo morreu aos 20 anos, e eu, temendo destino igual, publico agora este livro, reunião da maioria dos versos que escrevi até o presente momento.

Para alívio do leitor, o livro que tem agora em mãos não contém apenas poemas românticos, mas poemas que abordam diversos assuntos, como aspectos da natureza, questionamentos acerca da existência, homenagens etc. Não tenho nenhuma pretensão de ser chamado poeta, mas espero que apreciem os versos livres e despretensiosos que agora lhes apresento, escritos em sua maioria por volta de meus 16 anos, em momentos de desilusão, saudade, contemplação e ócio.

Versos à natureza

“Nós nos sentimos bem em meio à natureza porque
ela não nos julga”
(Nietzsche)

Agreste Brenha

Se consumido por angústias
Nesta agreste brenha adentro
Se minhas lágrimas se misturas às águas deste córrego,
E se sob esta sombra me lamento,
Que a ventania leve embora a escuridão de minha alma
E que o farfalhar das árvores acalme meu tormento

Se o eco se preocupar em levar adiante meus suspiros
E se percebem meu sofrimento as abelhas em flor,
Que guardem, como as pedras, meu segredo
E que as garças sejam testemunhas de meu amor.